

Fragmentos litúrgicos de Braga

JOAQUIM FÉLIX DE CARVALHO

Universidade Católica Portuguesa (UCP), Braga

Paris, 1962. Joaquim Bragança apresenta, no Instituto Superior de Liturgia, da Faculdade de Teologia do Instituto Católico de Paris, uma *dissertatio ad doctoratum* sobre a liturgia baptismal do *Missal de Mateus*. A partir desse momento, orienta a sua actividade científica para o estudo das tradições litúrgicas de Portugal, em particular de Braga (por ser ainda *traditio vivens* e, não obstante a escassa gratidão por ele sentida, porque jamais deixou de fazer a devida anamnese da sua Igreja local).

A recente publicação de *dispersos* da sua produção bibliográfica¹, que reúne grande parte da sua *opera omnia*, é um *speculum* transparente da sua privilegiada actividade pastoral, a ‘pastoral da cultura’, como tantas vezes nos confidenciou na sua casa de Abação, Guimarães. Desde o louvor matutino no seu *scriptorium*, combateu de pé a indolência intestinal², como hábil escriba afinado por elevados critérios científicos.

¹ J.O. BRAGANÇA, *Liturgia e espiritualidade na Idade Média*, Lisboa 2008.

² Não é uma expressão retórica, porque se trata realmente de um *modus scribendi* próprio, que se deve à dificuldade acima referida.

Sóbria e diversificada, a sua obra contempla sobretudo a edição total ou parcial de fontes, com os respectivos estudos introdutórios, e artigos monográficos sobre secções ou peças eucológicas de três grandes tipologias da livraria litúrgica: missal, pontifical e ritual³. É fácil constatar que não dedicou qualquer estudo ao Breviário. A razão é simples. Por amigável acordo, Joaquim Bragança e Pedro Romano Rocha estabeleceram entre si as áreas de estudo das fontes litúrgicas de Braga: a do breviário para este⁴; as outras, para aquele⁵.

Na última fase da sua produção científica, tendo sempre em vista o problema das origens da formação do rito bracarense, Joaquim Bragança dedicou-se aos fragmentos litúrgicos. Persuadido da sua importância, escreveu na introdução da edição e estudo dum fragmento, datado do século XII, identificado como pertencente a um missal de Braga: «Os fragmentos litúrgicos de Braga revestem-se de particular significado para o estudo das origens e a formação do rito que chegou até nós, e constitui uma das suas mais gloriosas tradições»⁶.

A descoberta, catalogação e edição de fragmentos de códices medievais é um dos sectores importantíssimos para o estudo das fontes da liturgia, em particular para o costume litúrgico de Braga, uma vez que a maior parte dos códices, que estiveram na sua origem e mesmo aqueles do período da sua constituição, se perderam lamentavelmente. Por conseguinte, em atenção a este reconhecido e renovado interesse, e porque carecemos duma panorâmica actualizada acerca dos fragmentos litúrgicos de Braga, propomo-nos fazê-la nesta justa homenagem ao ilustre Professor Joaquim Bragança.

³ Para melhor percepção da amplitude da sua obra, leia-se a *introdução* à antologia dos seus dispersos, feita por D. Carlos Azevedo: Cf. J. O. BRAGANÇA, *Liturgia e espiritualidade na Idade Média*, 7-21.

⁴ Pedro Romano Rocha dedicou efectivamente vários estudos às fontes do breviário de Braga: P. ROMANO ROCHA, «Um breviário bracarense na Biblioteca do Escorial», *Lusitania Sacra* 9 (1970-1971) 41-54; IDEM, «As vésperas pascais na liturgia bracarense», *Theologica* 1-2 (1976) 61-79; IDEM, *L'Office divin au Moyen Age dans L'Eglise de Braga. Originalité et dépendances d'une liturgie particulière au Moyen Age (Cultura Medieval e Moderna 15)*, Paris 1980; IDEM, «Sources languedociennes du bréviaire de Braga», in *Liturgie et Musique (Cahiers de Fanjeaux 17)*, Toulouse 1982, 203-205; IDEM, «O Ofício Divino na tradição bracarense», in *Actas do Congresso do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, 3, Braga 1990, 81-102. Além disso, escreveu ainda, em Março de 1972, a introdução da edição fac-similada do Breviário de Braga de 1494: COMISSÃO EXECUTIVA DO V CENTENÁRIO DO LIVRO IMPRESSO EM PORTUGAL (ed.), *Breviário Bracarense de 1494*, Lisboa 1987, 7-30.

⁵ Esta informação resulta de uma das muitas conversações tidas entre nós e Joaquim Bragança na sua casa de Abação.

⁶ J. O. BRAGANÇA, «Fragmento de um missal de Braga do século XII», *Theologica* 2 (1993) 375.

Catálogo, edição e estudo dos fragmentos litúrgicos

Este sector conheceu os seus primeiros passos nos anos vinte do século passado. Em 1928, António de Vasconcelos dava conta de um duplo achado paleográfico de grande valor, quando descobriu, no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), dois fragmentos de códices litúrgicos que serviam de encadernação a tombos provenientes de Braga⁷. O interesse por apurar o valor da descoberta foi de tal ordem que, seguidamente, os comunicou, enviando inclusive fotografias, a dois grandes especialistas da época, Justo Pérez de Urbel e Germán Prado, da Abadia de Santo Domingo de Silos, a fim de os estudarem.

O AUC não possuía, à época, qualquer catalogação de fragmentos, e, por isso, só mais tarde foram catalogados com os nn. 1 e 2. Nessa altura a maioria dos arquivos e bibliotecas do país não dispunha da catalogação deste tipo de documentos.

Conforme confessa Avelino de Jesus, foram as seguintes palavras de António de Vasconcelos, a propósito dos fragmentos bracarenses, que despertaram nele o interesse por este sector documental: «Futuras descobertas de fragmentos dos livros litúrgicos dos séculos XI e XII poderão vir a dar ensejo a uma reconstituição mais ampla do texto do Breviário bracarense primitivo (...). Quanto aos elementos de valor, que encontrei no mesmo Arquivo (de Braga) para a reconstituição do Missal bracarense medievo, não ficam esquecidos»⁸. Foi por essa razão que Avelino de Jesus propôs ao Instituto de Alta Cultura a sua inventariação, em todos os arquivos e bibliotecas nacionais.

Deferida a sua solicitação, recebeu uma bolsa para esse efeito. Já em 1949 havia ele inventariado mais de 1500 fragmentos⁹. Segundo suas palavras, «Braga é a cidade onde mais abundam os fragmentos medievais, prova bem clara da incalculável riqueza de livros da sua Catedral, que, no género litúrgico, devia ter uma colecção mais rica que as de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra»¹⁰. Inventariou ele, em Braga, 581 fragmentos: Arquivo

⁷ A. DE VASCONCELOS, «Fragmentos preciosos de dois códices paleográfico-visigóticos», *Biblos* 4 (1928) 553-569.

⁸ IDEM, «Notas litúrgico-bracarenses. V. O Breviário de S. Geraldo», *Opus Dei* 3 (1928-1929) 341.

⁹ Recordemos que Avelino de Jesus apresentou o primeiro volume do seu Inventário de pergaminhos medievais em 1944. Seguiram-se depois mais oito volumes, sendo que o último remonta ao ano de 1952. Cf. A. DE JESUS DA COSTA, *Pergaminhos medievais. Inventário bibliográfico e ideográfico*, 9 vols., *Pro manuscripto*, Braga 1944-1952.

¹⁰ A. DE JESUS DA COSTA, «Fragmentos Preciosos de Códices Medievais», *Bracara Augusta* 2 (1950) 44.

Municipal de Braga (AMB) 18; Arquivo da Catedral de Braga (ACB) 14; Arquivo Distrital de Braga (ADB) 549. A maioria servia de capa a livros encadernados antes de 1612¹¹.

A abundância de fragmentos não deve, em todo o caso, criar ilusões no sentido de que podemos ter uma ideia clara da bibliografia litúrgica medieval. Avelino de Jesus estava convencido disso mesmo¹². Este optimismo moderado não retira a importância documental aos fragmentos encontrados. São prova disso as solicitações que alguns estudiosos fizeram junto do Instituto de Alta Cultura, para a cedência do trabalho realizado por Avelino de Jesus¹³. E, já antes dele, Pierre David, que tinha encontrado cerca de quarenta fragmentos, estava convencido do seu valor histórico-litúrgico; ele que afirmou: «Os materiais reunidos permitem a formulação de um juízo científico sobre a liturgia de Braga desde a introdução do rito romano»¹⁴.

Avelino de Jesus esperava que a sua publicação, pelo Instituto para a Alta Cultura, mostrasse não só a importância dos fragmentos, mas também facilitasse aos investigadores o seu estudo. Infelizmente, este trabalho não foi ainda publicado¹⁵. Deste modo, só podemos contar com a síntese dos

¹¹ Cf. IDEM, «Fragmentos Preciosos de Códices Medievais», *Bracara Augusta* 1 (1950) 431.

¹² Cf. IDEM, «Fragmentos Preciosos de Códices Medievais», *Bracara Augusta* 2 (1950) 44: «Não devemos, todavia, ser demasiadamente optimistas, julgando que os fragmentos vêm preencher todas as lacunas da nossa bibliografia medieval e que, portanto, podemos fazer uma ideia exacta das obras então usadas entre nós. Estamos ainda, infelizmente, muito longe da verdade, porque grande parte dos nossos códices medievais desapareceu sem deixar qualquer vestígio. Para nos convenceremos desta triste realidade, basta atender a que quase todos os quinhentos e oitenta e um fragmentos estão a servir de capa a livros encadernados antes do ano de 1612. É por esta razão que entre esses fragmentos não aparecem vestígios dos noventa e seis códices de pergaminho existentes naquela data na Livraria da Sé. Caso idêntico se dá com os do Tesouro da mesma Sé».

¹³ Entre outros, referimos o insigne historiador espanhol José Vives, o abade do mosteiro cisterciense de Hauterive, Bernard Kaul, os professores de Coimbra Paulo Merêa e Amorim Girão. Sabemos, também, como a paleógrafa Solange Corbin utilizou, no seu *Essai sur la Musique Religieuse Portugaise au Moyen Age*, dezenas de cópias das melhores melodias que Avelino de Jesus encontrou.

¹⁴ P. DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, Lisbonne- Paris 1947, 557.

¹⁵ Os 9 volumes conservam-se em versão dactilografada. Actualmente, os originais encontram-se na Biblioteca Avelino de Jesus da Costa, sita no Seminário Conciliar de Braga, inaugurada em sessão solene no dia 4 de Janeiro de 2008, por ocasião do centenário do seu nascimento. Além de alguns investigadores, possuem exemplares autografados por Avelino de Jesus, as bibliotecas da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi José Marques, agora professor aposentado desta última universidade, quem solicitou a permissão a Avelino de Jesus para colocar reproduções nas referidas bibliotecas. Mas, para acautelar 'oportunistas indevidos' quanto à sua utilização, José Marques determinou que ficassem na colecção dos *reservados*, sem que pudessem ser reproduzidos na íntegra. A informação fica aqui registada, pois facilitará a tarefa dos investigadores que se dedicam ao estudo dos fragmentos de pergaminhos medievais. De facto, dificilmente encontrarão os exemplares que ele enviou para o antigo Instituto de Alta Cultura.

trabalhos, publicada em 1950, na revista *Bracara Augusta*¹⁶, e a publicação de várias estampas na revista *Theologica*¹⁷.

Em 1989, Miquel Gros, na sua comunicação ao congresso internacional comemorativo do IX centenário da dedicação da catedral de Braga, insistia na necessidade «imprescindível da edição e estudo» dos fragmentos que nos restam «para ver de que tipos litúrgicos romano-francos são cópias»¹⁸. Disso mesmo estamos todos convencidos, mas, por enquanto, apenas foi estudada e editada uma reduzida parte da enorme quantidade de fragmentos que se encontram em Braga, ou em arquivos e bibliotecas de outras cidades, mas cujos livros a que serviam de encadernação eram provenientes de Braga.

Segue-se, por ordem cronológica, a apresentação dos estudos já realizados sobre alguns dos fragmentos.

Arquivo da Universidade de Coimbra, frags. 1 e 2

António de Vasconcelos comunicou, em 1928, através de um artigo na revista *Biblos*, a descoberta de dois fragmentos de códices provenientes de Braga¹⁹. O frag. 1, em letra visigótica caligráfica, provinha de um antifonário e servia de encadernação a um tomo do mosteiro de S. Fins de Friestas, no arcebispado de Braga, mandado organizar pelo arcebispo D. Diogo de Sousa em 1528. O frag. 2, também em letra visigótica caligráfica, provinha de um missal e servia de encadernação a um livro de escrituração, que pertencera ao Colégio de S. Paulo, da Companhia de Jesus em Braga.

Antes do breve estudo que lhes dedica, pensou tratarem-se de dois textos da liturgia moçárabe, uma vez que a escrita era visigótica. Puro engano, como diz: «Enganei-me redondamente. Tanto o Missal como o Antifonário, de que fizeram parte estes fragmentos, eram códices litúrgico-romanos»²⁰. Tal atribuição dava novo valor aos fragmentos, conforme conclui:

¹⁶ Cf. A. DE JESUS DA COSTA, «Fragmentos Preciosos de Códices Medievais», *Bracara Augusta* 2 (1950) 46-63.

¹⁷ Cf. IDEM, «A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVIII», *Theologica* 3-4 (1985) 593-680.

¹⁸ M. S. GROS I PUJOL, «Las tradiciones litúrgicas medievales en el noroeste de la península», in *Actas do Congresso do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, 3, 111.

¹⁹ A. DE VASCONCELOS, «Fragmentos preciosos de dois códices paleográfico-visigóticos», *Biblos* 4 (1928) 553-569.

²⁰ *Ibidem*, 560.

«Sob o ponto de vista histórico-paleográfico, estes fragmentos são preciosos, pois nos revelam que a escrita visigótica continuou ainda a ser usada no ocidente da Espanha, na transcrição dos códices litúrgicos, mesmo depois do suposto concílio de Leão, que a proibiu»²¹.

Depois da descrição codicológica e de algumas observações de natureza paleográfica, fez a transcrição do frag. 2. No final, retira algumas conclusões, de que salientamos as mais importantes: «Os dois fragmentos encontrados no Arquivo da Universidade de Coimbra, e que são objecto do presente estudo, pertenceram a dois códices membranáceos, escritos na península Ibérica, probabilissimamente no condado portugalense, nos últimos anos do século XI ou no princípio do século XII, para serem usados na Missa (o *Missal*), e no Ofício divino (o *Antifonário*), em alguma igreja bracarense, certamente na própria catedral»²². Referindo-se ao seu uso e abandono, diz que «no século XIII ainda andavam em uso» e que, «tornando-se por fim ignorada a letra visigótica, puseram-se então ambos de parte»²³.

Em 1929, não satisfeito, enviou ele, para análise mais profunda, fotocópias dos fragmentos e a separata do seu estudo, a Justo Pérez de Urbel. A notícia da descoberta dos fragmentos que tanto tinha entusiasmado Justo Pérez de Urbel acabou, no entanto, por constituir um «pequeno desencanto»²⁴, não obstante sem lhes retirar o seu valor.

Justo Pérez de Urbel procedeu, de novo, à transcrição do frag. 1, com comentários à mistura. E, no final, retirou várias conclusões: o fragmento

²¹ *Ibidem*. António de Vasconcelos alude, de passagem, a um concílio de Leão de 1091, sem citar qualquer cânone. A explicação para a escrita visigótica ter continuado a usar-se é apresentada, na página 561, da seguinte forma: «Os monges cluniacenses, executores da reforma romana, trouxeram certamente alguns livros litúrgicos, escritos em letra francesa; mas, não bastando estes para as necessidades das igrejas, foram-lhes cá criadas algumas cópias nos *scriptoria* monásticos desta região, oficinas caligráficas de letra visigótica de transição».

²² *Ibidem*, 569.

²³ *Ibidem*, 569.

²⁴ J. P. DE URBEL, «La liturgia de los fragmentos bracarenses», *Opus Dei* 3 (1928-1929) 319. A notícia da descoberta destes fragmentos, em escrita visigótica, tinha intrigado Justo Pérez de Urbel, porque seriam do interesse de Casiano Rojo e Germán Prado, que, naquele momento, estudavam os neumas moçárabes, como confessa, na mesma página 319: «Esta noticia era para intrigar, tanto más quanto que los aludidos fragmentos tenían notación musical con una línea. Io, que sabia el afán con que los insignes gregorianistas Don Casiano Rojo y Don Germán Prado andaban buscando la manera de leer los misteriosos neumas mozarábabes, no pude disimular mi satisfacción. ¿Quién sabe si, al fin, íbamos a dar con la clave en un viejo códice del lejano Portugal?». E, apenas recebidos, exprime assim o seu desencanto, por não corresponder à sua suposição: «Algunos meses después me enviaba el Profesor Vasconcelos un opúsculo en que hacia el estudio paleográfico de los fragmentos descubiertos. Por él vi, que, en realidad, los folios descubiertos no tenían nada que ver con la liturgia mozarabe. Era un pequeño desencanto; mas no por eso dejaban de merecer el calificativo de preciosos, que les daba el Sr. Vasconcelos».

pertenceu a um antifonário romano com ofícios datáveis dos séculos XI-XII; é manifesta a influência monástica, parecendo-se mesmo com o antifonário de Silos; e, finalmente, revela características duma interessante liturgia romano-galicana²⁵.

Ainda no mesmo ano de 1929, António de Vasconcelos publica em suas *Notas litúrgico-bracarenses*, na revista *Opus Dei*, mais dois estudos sobre os famosos fragmentos²⁶. Desta vez, faz um estudo comparativo com outras fontes manuscritas, que estão na origem do costume litúrgico de Braga (*Missal de Mateus*) e do tempo em que ele já se encontrava formado (breviários e missais impressos). A conclusão a que chega é que, salvo raríssimas divergências de carácter secundário, eles são muito semelhantes.

Finalmente, em 1930, é publicado o último estudo sobre o frag. 1, da autoria de Germán Prado, com um título sugestivo: «A antiga melopeia bracarense»²⁷. Com efeito, António de Vasconcelos tinha-lhe enviado fotocópias do fragmento, a fim de ele fazer a sua transcrição musical. Segundo Germán Prado, os dois fólhos do fragmento «demonstram claramente que houve em Braga um cantoral do século XI, contendo pelo menos o *Officium de Psalterio*»²⁸.

²⁵ Para sermos mais fiéis à sua apreciação, transcrevemos as suas palavras: «Se trata de un Antifonario romano. La estructura de sus oficios es, con ligeras diferencias, la misma que tenían los oficios de la liturgia romana en los siglos XI e XII; la misma, que encontramos en el Antifonario de Roma, publicado por Thomasi. Escrito al mismo tiempo que nuestro códice perdido, este Antifonario es de los tres que hemos examinado el que mas se parece a él. Las semejanzas con el Antifonario de Hartker son menos perceptibles, quizá por haber entre ellos más de un siglo de distancia. En cambio tiene un grande parecido con ele Antifonario monástico de Silos. La influencia monacal en nuestros fragmentos es profunda, sobre todo en lo que se refiere a los textos; lo cual no debe extrañarnos, pues bien sabido es, que los monjes cluniacenses los que propagaron en la Península la liturgia romano-galicana; y una interesante variedad de la liturgia romano-galicana es la que nos descubren estos fragmentos bracarenses». *Ibidem*, 326-327.

Estes dados levaram Justo Pérez de Urbel, no final da sua conclusão, na página 327, a colocar uma pergunta, à qual procura responder: «¿Es la liturgia usada en la iglesia de Braga desde los días de su restauración por Alfonso VI de Castilla, el gran amigo de Cluny? No se puede afirmar nada con seguridad, porque los códices viajaban mucho, pero es muy probable. En primer lugar, estos fragmentos proceden del monasterio bracarense se San Fins de Friestas. Allí se encontraban en el siglo XVI, y allí debió encontrarse el códice, del cual fueron arrancados. Además, por el tiempo en que fueron escritos, un monje cluniacense, San Geraldo (1096-1108), gobernaba la iglesia de Braga; y él parece haber sido quien introdujo en su diócesis la liturgia romano-galicana. De su acción litúrgica es testimonio vivo la actual misa bracarense, donde se descubren influencias evidentes de misal de Moissac, que fue el monasterio del gran arzobispo. Sea de esto lo que quiera, esos fragmentos tienen el mayor interés, porque nos llevan a los días en que los monjes de Cluny realizaron en la Península su gran revolución litúrgica, literaria y política».

²⁶ Cf. A. DE VASCONCELOS, «Notas litúrgico-bracarenses. IV. O Missal de S. Geraldo», *Opus Dei* 3 (1928-1929) 234-249; IDEM, «Notas litúrgico-bracarenses. V. O Breviário de S. Geraldo», *Opus Dei* 2 (1928-1929) 328-341. Estas notas foram ainda publicadas, juntamente com outras, no livro de publicação das actas do congresso litúrgico romano-bracarense: Cf. IDEM, «Notas litúrgico-bracarenses», in *Actas do Congresso do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, 3, 204-218 e 229-240.

²⁷ Cf. G. PRADO, «La antigua melopea bracarense», *Opus Dei* 4 (1929-1930) 186-200.

²⁸ *Ibidem*, 186.

Depois de enunciar o seu conteúdo litúrgico, pronuncia-se sob o aspecto musical. E, cingindo-se a este aspecto, afirma que «podemos dizer que as melodias são puramente romanas, ao ponto de algumas antífonas pertencerem ao *cursus* beneditino. Aludimos sobretudo às antífonas vespertinas, cujo canto é quase sempre igual, mais nota menos nota, ao antífonário monástico. Porém, não se trata de um rito propriamente monacal. O rito beneditino não reza na Tércia do Domingo o Responsório *Inclina cor meum, Deus*»²⁹. Ainda sobre este aspecto, refere alguns particularismos de natureza técnica e que pertencem ao mais puro estilo gregoriano anterior ao século XII.

Em relação à sua importância histórico-litúrgica, vinca o seguinte: «o conteúdo do valioso fragmento bracarense tem mais importância do que à primeira vista se lhe podia atribuir»³⁰. Por fim, faz a transcrição musical do fragmento.

Arquivo Distrital de Braga

frags. nn. 1, 2, 3, 6, 8 [BT n. 50], 9, 11 [BT n. 49], 13, 15, 16, 23, 24 [BT n. 52], 28 [BT n. 51], 34, 37, 49 [BT n. 37], 50, 51 [BT n. 48], 52, 53, 54, 82, 91, 102, 107, 108, 109, 118, 122, 124, 153, 172, 176, 207, 208, 209, 210

É um título numeroso, mas todos estes fragmentos foram estudados conjuntamente por Jorge Barbosa, na tese de Mestrado em Canto Gregoriano apresentada, em 1991, no Pontifício Instituto de Música Sacra de Roma³¹.

Na verdade, em 1942 fez-se a primeira tentativa para os estudar e editar, quando Manuel Faria estudava no mesmo Pontifício Instituto³². Nessa altura, Avelino de Jesus enviara, por ele, duas fotografias de fragmentos, ao Director do Instituto, Gregório Suñol. Este, depois de as ter visto, escreveu

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*, 187.

³¹ A tese foi publicada na revista *Modus*: J. ALVES BARBOSA, «A música na liturgia bracarense nos séculos XII e XIII. O repertório musical da missa nos fragmentos de códices do Arquivo Distrital de Braga», *Modus* 3 (1989-1992) 81-271.

³² Jorge Barbosa colheu esta informação, que aparece num dos artigos de Avelino Costa, já citado: Cf. A. DE JESUS DA COSTA, «Fragmentos Preciosos de Códices Medievais», *Bracara Augusta* 1 (1950) 427.

a Avelino de Jesus, onde manifestava a sua grande importância documental e desejava vê-los editados rapidamente³³.

Quase cinquenta anos depois, Jorge Barbosa, que pensara na edição e estudo dum lote mais alargado de fragmentos, acabou por se cingir aos enumerados no título, limitando-se assim ao reportório da missa.

Na tese, faz a descrição codicológica e paleográfica do texto e da notação presentes nos fragmentos. Posteriormente, apresenta as características litúrgico-musicais da tradição aquitana e a sua relação com os fragmentos e outras tradições. Procede à sua transcrição musical e chega a algumas conclusões, das quais salientamos apenas duas.

A primeira, que retira da análise dos elementos musicais, litúrgicos e paleográficos, é de que «os fragmentos de códices litúrgico-musicais actualmente existentes no Arquivo Distrital da Biblioteca Pública da Universidade do Minho em Braga representam um património litúrgico-musical que terá sido seguido e utilizado na Diocese, particularmente na Catedral, pelos séculos XII e XIII»³⁴.

A segunda, que vai ao encontro de idêntica conclusão após análise doutros fragmentos, é de que «tais documentos reflectem uma tradição litúrgica e um reportório musical correspondente à tradição litúrgico musical aquitana já representada em Braga pelo seu mais antigo códice o Ms. 1000 da mesma Biblioteca, designado por *Missal de Mateus*, e, na ausência de qualquer referência codicológica mais valiosa no que respeita à nossa região, representada musicalmente pelos Graduais aquitanos mais importantes, de Albi (Paris, B.N. ms. Lat. 776) e Saint Yrieix (Paris, B.N. ms. Lat. 903)»³⁵.

A leitura desta tese, meritória sob muitos aspectos, desperta nos leitores mais atentos e informados em paleografia musical um sentimento de que ela ficou aquém das expectativas. A impressão parece mesmo corres-

³³ A carta foi publicada por Avelino Costa, no artigo sobre os fragmentos preciosos. Cf. A. DE JESUS DA COSTA, «Fragmentos Preciosos de Códices Medievais», *Bracara Augusta* 1 (1950) 425. Por ser breve, fazemos a sua transcrição: «Ho visto le due fotografie dei manoscritti da Voi trovati nella Biblioteca di Braga, e sono felice di constatare che si trata senza dubbio di un documento di grande importanza liturgico musicale, soprattutto per la storia del rito bracarense e della musica medievale nel Portogallo, e mi auguro che il vostro studio li metta in luce il più presto possibile. Con i più devoti ossequi Il Preside Gregorio Sunól».

³⁴ J. ALVES BARBOSA, «A música na liturgia bracarense nos séculos XII e XIII. O reportório musical da missa nos fragmentos de códices do Arquivo Distrital de Braga», 117.

³⁵ *Ibidem*.

ponder à realidade. Assim nos faz pensar um comentário, que chama a atenção para várias anomalias, produzido por quem estudou as origens do gradual de Braga, e que, por isso, o fez com seriedade científica. Porque aparece em nota de rodapé, estimamos ser o lugar adequado para transcrever parte da apreciação³⁶.

Arquivo Municipal de Braga, frag. 8

Em 1989, Jordan publicou, na revista *Bracara Augusta*, um estudo que tem por base o fragmento 8 do AMB³⁷. O título, porém, não corresponde inteiramente ao conteúdo. Falta coerência interna. E, além disso, está escrito num português horrível, próprio de quem não domina a língua portuguesa. De facto, sobre o fragmento 8 do AMB, limita-se a repetir os dados de Romano Rocha sobre a sua identificação bracarense³⁸ e a salientar alguns elementos de natureza codicológica e paleográfico-musical. Faz inclusive a transcrição de breves trechos, mas adoptando a notação moderna. Nas observações, que faz sobre o estilo musical dos fragmentos portugueses e a sua caligrafia, acaba por quase não ter presente o fragmento 8 do AMB. Por todas estas razões, é um estudo que não possui particular valor científico, pelo que não nos merece muita atenção.

³⁶ «Os inegáveis méritos desta publicação vêem-se por vezes obscurecidos, na parte descritiva, por observações incorrectas (tendência para ignorar algumas cores de iniciais, linhas marcadas a ponta seca ou a tinta amarela, e presença de guião) ou lacunas (proveniência e datação dos fragmentos); e na parte musical, por alguns erros de identificação (por exemplo, as transcrições 12 e 16 correspondem, não aos fragmentos 15 e 23, mas aos fragmentos 6 e 15, respectivamente) e por numerosos erros de transcrição (eliminação de notas ou liquescências, repetições e transposições indevidas), erros estes provavelmente devidos, na sua maior parte, a condições de trabalho não ideais (uso de fotografias em formato reduzido) e à ausência de uma revisão atenta. Há igualmente a notar alguma inconsistência organizativa (o fragmento BT 27 é incluído nas transcrições musicais e no seu comentário, mas não na secção descritiva) e a presença de lacunas no índice de cânticos (o fragmento 176, por exemplo, é ignorado). Trata-se, pois, de um trabalho a usar com muita precaução». M.P. FERREIRA, «As origens do Gradual de Braga», 63.

³⁷ W.D. JORDAN, «O estilo musical de Portugal no século 13, interpretado através do fragmento VIII, Arquivo Municipal de Braga», *Bracara Augusta* 41 (1988-1989) 5-43.

³⁸ Cf. P. ROMANO ROCHA, *L'Office divin au Moyen Age dans L'Église de Braga. Originalité et dépendances d'une liturgie particulière au Moyen Age*, 44 e 159.

Arquivo Distrital de Braga

frag. sem n., da Pasta dos documentos visigóticos; e frag. n. 206
da Pasta dos fragmentos, IV

Como aludimos na abertura deste artigo, a propósito da sua pertinência, também Joaquim Bragança se dedicou ao estudo e edição de fragmentos litúrgicos; no caso, de dois apenas, ambos pertencentes à coleção do ADB: um sobre um fragmento sem cota, da *Pasta dos fragmentos visigóticos*, publicado na revista *Theologica*, em 1993³⁹; o outro, da *Pasta dos fragmentos*, IV, n. 206, publicado na revista *Miscel.lània Litúrgica Catalana*, em 2001⁴⁰. Vejamos, em particular, cada um deles.

Em relação ao estudo do fragmento da *Pasta dos fragmentos visigóticos*, Joaquim Bragança começa por fazer a descrição de certos elementos de ordem codicológica e paleográfica, salientando a beleza do códice a que pertencera, uma vez que ostenta 22 iniciais iluminadas!⁴¹

Para sua datação, uma vez que o fragmento está copiado em escrita carolina, mas conserva ainda vestígios da redonda visigótica, pediu a Díaz y Díaz o favor de o datar. Ele atendeu o seu pedido e fez-lhe saber, por intermédio de Aires Nascimento: «Trata-se de um manuscrito copiado entre os anos 1090 e 1115/120»⁴².

De seguida, descreve o seu conteúdo e procede à transcrição. No fim, faz uma breve análise litúrgica. Altamente significativa é a conclusão acerca da oração *Domine sancte Pater omnipotens eterne Deus, exaudi nos*, da bênção do lume novo. Ela possui particular significado histórico para as origens do costume de Braga, pois a pesquisa que realizou, «nas principais bibliotecas de França, Espanha e Roma sobre as orações de bênção do lume, das velas, dos ramos e das cinzas, em cerca de 500 manuscritos litúrgicos, entre os sécs. X e XIV, permite concluir que esta composição aparece apenas em mais dois documentos, ambos de Braga: o *Missal de Mateus*

³⁹ J. O. BRAGANÇA, «Fragmento precioso de um Missal de Braga do século XII», *Theologica* 2 (1993) 375-389.

⁴⁰ IDEM, «Un rituel de baptême hors série», *Miscel.lània Litúrgica Catalana* 28 (2001) 203-209.

⁴¹ Segundo diz, «deveria ser, no seu conjunto, um belo manuscrito, pois este fragmento tem nada menos que 22 iniciais iluminadas, a vermelho e azul, algumas das quais se alongam por várias linhas, bem ao contrário do *Missal de Mateus*, que, sob este aspecto, é um manuscrito muito pobre». IDEM, «Fragmento precioso de um Missal de Braga do Século XII», 376.

⁴² O parecer de Díaz y Díaz foi transmitido oralmente, pelo que não se trata duma citação de texto. Cf. *Ibidem*, 376-377.

(MM 1116) e o *Pontifical de Braga do séc. XII*⁴³; sendo o fragmento o testemunho mais antigo.

Outro dado particularmente significativo é que o fragmento contém duas antífonas *Ad processiones*, que precedem a missa do domingo de Páscoa, sendo que o versículo *Dicant nunc Iudei* da segunda faz parte do ofício bracarense desde o século XIV, como testemunha o *Breviário de Soeiro*. Joaquim Bragança adianta um pouco mais a sua história, ao afirmar que «a antífona do fragmento de Braga encontra-se já como tal, isto é, como antífona e não como versículo, no conhecido *Gradual de Saint-Yrieix*, do séc. XI, fol.147»⁴⁴, gradual que, como sabemos, procede da região de Limoges.

Com o significado destes dados, ele sintetiza, na conclusão final, que «este simples bifólio é o testemunho vivo e claro da mudança de rito em Braga, a seguir à decisão do Concílio de Burgos, em 1080, de substituir a liturgia hispânica pela liturgia romana»⁴⁵. Mais uma vez sublinha a tese de que foi S. Geraldo a operar a mudança e não D. Pedro, e que, «sem extrapolar os dados históricos, poderemos aceitar que este livro seria o próprio missal, ou um dos missais trazidos por S. Geraldo para Braga»⁴⁶.

Em relação ao estudo do fragmento n. 206 da *Pasta dos fragmentos*, IV, Joaquim Bragança faz a habitual descrição codicológica e paleográfica. Tendo presente a sua escrita, uma bela carolina, sugere que se possa datar da segunda metade do século XI ou do princípio do século XII; portanto, de um dos mais antigos livros usados em Braga.

Transcreve-o e, no final, faz um breve comentário litúrgico. Uma das particularidades deste fragmento é que coloca, no final da oração de bênção da água baptismal, no cerimonial de baptismo da vigília pascal, os ritos da renúncia e da unção do peito; algo que ele considera de influência da liturgia visigótica⁴⁷.

⁴³ *Ibidem*, 386-387. Como acrescenta ainda, na página 387, há outro elemento significativo: «Altamente significativo ainda que o texto do *Missal de Mateus* corresponde palavra por palavra ao do fragmento, até em dois erros de grafia. Ambos escrevem *hac* em vez de *ac* e *prauitatis* em lugar de *paruitatis*, o que denuncia a mesma procedência e porventura até o mesmo *scriptorium*, como fonte comum dos dois manuscritos».

⁴⁴ *Ibidem*, 387-388.

⁴⁵ *Ibidem*, 388.

⁴⁶ *Ibidem*, 389.

⁴⁷ Joaquim Bragança di-lo da seguinte forma: «Ce qu'il y a de singulier dans notre fragment c'est l'insertion à cet endroit, c'est-à-dire, à la fin de la consécration de l'eau, du rite de la *Renonciation* (n° 2), ainsi que l'*Onction* de la poitrine (n° 3), alors que ces deux cérémonies se placent d'habitude et d'après la plus ancienne tradition *avant* la bénédiction de l'eau. Les témoins de Braga gardent l'ancienne tradition. Le déplacement du rite de la *Renonciation* est vraisemblablement dû à l'influence de la liturgie Wisigothique, car c'est juste après la bénédiction de l'eau qu'il s'y trouve». J. O. BRAGANÇA, «Un rituel de baptême hors série», 207.

Entre outras particularidades, refere aquela que considera a mais significativa, precisamente a da entrega da vela baptismal à criança, de que o fragmento é o testemunho mais antigo desta peça⁴⁸.

Por fim, chama a atenção para duas rubricas interessantes: a primeira, *Tunc induatur vestibus albis*, que sugere que o manuscrito distingue e supõe duas imposições de vestes⁴⁹; a segunda, *Corpus domini nostri Iesu Christi...*, para a comunhão da criança após a entrega da vela baptismal, o que denota um traço de arcaísmo⁵⁰.

Por todos estes indícios, Joaquim Bragança diz que «se pode deduzir sem dificuldade que o nosso fragmento é de origem hispânica e data do séc. XI»⁵¹. Mais uma vez, antes de terminar, sublinha a importância de todos estes dados se acordarem «com as remotas origens da tradição litúrgica de Braga e do seu iniciador, S. Geraldo»⁵².

Arquivo Distrital de Braga, frag. Nota Geral, n. 27

A última edição de fragmentos litúrgicos de Braga, que tenhamos conhecimento, é da nossa responsabilidade. Ocorreu em 2007, enquadrada no âmbito da edição e estudo do ms. 870 do ADB, pontifical de luxo brá-

⁴⁸ Cf. J. O. BRAGANÇA, «Un rituel de baptême hors série», 208. Joaquim Bragança comenta assim este particularismo: «La pièce la plus singulière de notre fragment est celle de la remise du cierge baptismal à l'enfant: Accipe lumen iocunditatis... (n° 11). Ce rite est une création typique du Moyen Age et d'origine monastique. Il en va de même pour les formulaires. À l'origine il y en avait deux formulaires: celui de notre manuscrit et celui bientôt devenu universel et vivant jusqu'au Concile Vatican II: *Accipe lampadem ardentem...* Le premier n'a pas eu de succès. Nous ne connaissons qu'un seul manuscrit qui l'avait retenu, un sacramentaire du Nord d'Aragon, du XII^e siècle (Monserrat, Bibl. de d'Abbaye, ms. 915, fol. 47). Notre manuscrit est donc le témoin plus ancien de cette pièce. Est-ce peut-être de la nouveauté de cette formulation que le scribe n'a guère hésité à écrire le mot *iocunditatis* à l'encre rouge, seul cas de notre fragment».

⁴⁹ Joaquim Bragança, a propósito desta rubrica, comenta da seguinte forma: «Tout d'abord celle du n° 10: *Tunc induatur vestibus albis*. C'est dire que notre manuscrit distingue et suppose deux impositions de vêtement: le 'chrismal', un voile de lin sur la tête, après l'onction postbaptismale (n° 9) en usage depuis le VI^e siècle suivant le témoignage de Jean Diacre; et les vêtements blancs que les baptisés aux premiers siècles portaient pendant toute l'octave de Pâques». *Ibidem*, 209.

⁵⁰ Acerca desta rubrica, que prescreve a comunhão às crianças, Joaquim Bragança comenta: «La deuxième est celle du n° 12. Après la remise du cierge baptismal, l'on devrait donner la communion aux petits enfants: *Corpus domini nostri Iesu Christi...* La communion aux petits enfants lors du baptême souligne un trait d'arcaïsme, puisque cette tradition est restée vivante en Occident jusqu'au XII^e siècle. Pour ce qui est du rituel *Ad infantem qui est proximus morti* on constate que les renvois du n° 15 ne s'accordent pas avec les prières du premier rituel. Cela veut dire, à notre sens, que le rituel ad succurrendum révèle d'une autre source». *Ibidem*, 209.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.

caro-romano, datado entre 1485 e 1516, objecto da dissertação de doutoramento, por nós apresentada no Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma⁵³.

Referimo-nos concretamente a um fragmento do ADB, em pergaminho, que se encontra ainda na encadernação de um Livro da *Nota Geral*, com data de 1577. Corresponde ao n. 429 do *Inventário bibliográfico e ideográfico* de Avelino de Jesus⁵⁴, onde é apresentada a sua identificação e se faz uma descrição sumária dos principais elementos de natureza codicológica e paleográfica. Trata-se de um bifólio pertencente a um missal, com texto disposto a duas colunas e música de tipo aquitano sobre uma linha a vermelho. As iniciais, com decoração muito simples, são a vermelho, azul, castanho e verde. O texto, em letra carolina, e a notação musical são a preto. As rubricas, bem desenvolvidas, foram escritas a vermelho. Avelino de Jesus data-o do século XIII. Contudo, na fotografia a preto e branco do fragmento⁵⁵, escreve a lúpis no verso «séc. XII». Quanto ao conteúdo, identifica-o com as seguintes palavras: «Quinta-feira santa – ofício e missa com rubricas»; e, sem desenvolver qualquer estudo litúrgico mas já consciente do seu valor, acrescenta «Importante»⁵⁶. Por fim, refere-se ao seu mau estado de conservação, devido às manchas exteriores e aos muitos cortes que afectam o texto.

O mau estado do fragmento pode constatar-se na edição fotográfica que fizemos do mesmo⁵⁷. O pergaminho encontra-se, de facto, muito esmaecido do lado externo, com desaparecimento da tinta e nalguns pontos com gordura, sobretudo na zona da lombada do livro que, tudo indica, foi francamente manuseado. Além disso, há ‘buracos’ no interior dos fólhos e cortes nas margens superior e de goteira, com prejuízo do texto em particular numa das colunas do primeiro fólio. O interior, ainda que com cortes textuais, apresenta-se regular quanto à vivacidade cromática.

⁵³ J. A. FÉLIX DE CARVALHO, *Pontifical de luxo brácaro-romano. Ms. 870 do Arquivo Distrital de Braga (1485-1516)*, vol. 1. *Estudo e edição*; vol. 2. *Apêndices, Pro manuscripto*, Roma 2007. A tese, que já se encontra no prelo, será publicada muito brevemente.

⁵⁴ Cf. A. DE JESUS DA COSTA, *Pergaminhos medievais. Inventário bibliográfico e ideográfico*, 4, Braga 1947, 97 e 132.

⁵⁵ Avelino de Jesus possuía um registo fotográfico, a preto e branco, da maior parte dos pergaminhos medievais inventariados. Cortadas por vezes em desalinho e nem todas com a nitidez desejável, estas fotografias são ainda hoje um testemunho precioso a necessitar duma catalogação, à semelhança do que fez com algumas delas, colando-as em álbuns por ele elaborados.

⁵⁶ Cf. A. DE JESUS DA COSTA, *Pergaminhos medievais. Inventário bibliográfico e ideográfico*, 4, 132.

⁵⁷ Cf. J. A. FÉLIX DE CARVALHO, *Pontifical de luxo brácaro-romano*, vol. 2, 20-23.

Materialmente elucidativa, do ponto de vista documental, a edição fotográfica, mesmo a cores, não é contudo suficiente em termos científicos. Procedemos por isso à sua edição semicrítica⁵⁸, com os mesmos critérios adoptados na edição do ms. 870. Na impossibilidade de reproduzi-los aqui, vale a pena referir que a designação ‘*semicrítica*’ foi cunhada por Renato De Zan, perito em crítica textual, que introduziu esta tipologia editorial⁵⁹, no Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo. Ela nasce, como é possível deprendermos do raciocínio do autor, na busca pela melhor designação das edições litúrgicas no estado actual da ciência⁶⁰.

Mais do que editado, o texto do fragmento foi reconstituído com fidelidade. Embora menor na transcrição das antífonas *Ad mandatum*, por causa do apagamento de grande parte dos vocábulos, o grau de certeza aumenta consideravelmente em todas as outras peças. É uma das conclusões a que chegámos depois de colacionar o texto do bifólio com os textos paralelos das fontes litúrgicas do rito bracarense.

O estudo comparativo permite-nos constatar que, se exceptuarmos a segunda antífona do ofertório *Exaudi Deus orationem (ad libitum)* e as antífonas⁶¹ de canto *Ad mandatum*, todas as peças concordam com o *Missale Bracarense* de 1498 (MB1498), primeira edição impressa do missal de Braga.

⁵⁸ *Ibidem*, 11-19.

⁵⁹ Esta tipologia foi adoptada nas últimas teses de doutoramento, cujos autores se dedicaram à edição de fontes litúrgicas; além da nossa, podemos mencionar as seguintes: (G. BOSCO) SHIN-HO CHANG (ed.), *Vetus Missale Romanum Monasticum Lateranense. Archivii Basilicae Lateranensis codex A65 (olim 65). Introduzione, Edizione semicritica e Facsimile (f.208-f.327)* (*Monumenta Studia Instrumenta Liturgica* 20), Città del Vaticano 2002; M. PRZECZEWSKI (ed.), *Missale Franciscanum Regule. Codicis VI.G.38 Bibliotheca Nationalis Neapolinensis. Introduzione ed edizione semicritica (Monumenta Studia Instrumenta Liturgica 31)*, Città del Vaticano 2003.

⁶⁰ Para compreender a argumentação do autor: cf. R. DE ZAN, *Dispense di Introduzione alla critica testuale liturgica (prima edizione – 3ª ristampa). Dispense “ad usum auditorum privatum” pro manuscripto, Anno accademico 2002-2003*, Padova-Roma 2003, 26: «Allo stadio attuale della scienza ritengo che le edizioni liturgiche si collochino a metà strada tra le edizioni semidiplomatiche e quelle critiche, poiché vengono attuate le operazioni richieste per una edizione semidiplomatica insieme a operazioni che si fanno per le edizioni critiche. Diventa, dunque, un po’ difficile stabilire con esattezza l’edizione liturgica. Potrebbe, forse, essere possibile la dicitura “semicritica”? La parola indica qualche cosa di completo (critica), perché l’edizione liturgica comprende un impegno pari alle edizioni critiche degli antichi manoscritti profani e biblici. La parola, però, contiene qualche cosa di dimezzato (semi-) perché l’edizione liturgica non è parallela a quella per gli antichi testi profani e biblici. Non ricostruisce l’archetipo. In ambito liturgico, infatti, si può ragionare per “famiglie” o “modelli”, ma non per archetipi. Dunque? Semicritica? Oppure “scientifica”? Oppure “apico-critica”, intendo per “apico-” (da “apice”) il massimo possibile, data da situazione degli studi attuali? Vale, poi, la pena perdere tempo per questi nomi? Sappiamo che semidiplomatica non è e neppure pretende di essere pienamente critica. Sappiamo che è scientifica per ciò che la scientificità permette oggi ai testi liturgici e alla loro caratteristica fondamentale: cioè, per il momento è sufficiente».

⁶¹ O *Pontifical de Braga do século XII*, ms. 1134 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, possui apenas o *incipit* da primeira destas antífonas; para as outras indica o seguinte: «*et ceteras antiphonas sicut in libro officiali habentur*». J.O. BRAGANÇA (ed.), *Pontifical de Braga do século XII, Didaskalia 7* (1977) 386 (n.126).

Mais surpreendente é verificar que as rubricas da missa são, com diferença de um ou outro vocábulo, iguais às do Pontifical de Braga do século XII (PBXII), e a que introduz o mandato é idêntica à do Pontifical de Braga do século XIII (PBXIII)⁶². O texto passa do *Qui pridie* à rubrica dos preparativos para a comunhão dos ministros e do povo. Como a passagem sucede no mesmo fólio, concluímos que a bênção dos óleos se fará a partir do pontifical.

Todos estes dados nos levam a pensar que, com muita probabilidade, o fragmento em questão tenha pertencido a um missal bracarense do rito já constituído. Na verdade, a reunião de peças dos pontificais de Braga, dos séculos XII e XIII respectivamente, é um processo já detectado noutras secções como, por exemplo, no formulário da missa de *Feria Quinta in Cæna Domini*, no MB1498⁶³. Consensual é que, já no século XIII, a Igreja bracarense tinha consciência de possuir uma *tradição litúrgica própria*, distinta dos usos litúrgicos das Igrejas vizinhas.

Uma constituição de 12 de Junho de 1265 estabelece normas litúrgicas para o ofício divino na catedral⁶⁴. Tais regras estão em pleno acordo com as rubricas do *Breviário de Soeiro*⁶⁵ e com quanto se diz na *Arte de rezar as horas canónicas ordenada segundo as regras e costume bracarense*, impressa em 1521⁶⁶. Além disso, o *Breviário de Soeiro* utiliza as leituras dum leccionário em uso na catedral de Braga em 1282⁶⁷. Em 1292, as *Visitas* de Cluny falam duma comunidade em Vimieiro, nos arredores de Braga, que recitava

⁶² Cf. *Pontifical de Braga do século XIII*, Códice Alcobacense 162, f.23v (linhas 3-6).

⁶³ *Missale Bracarense*, f. 64v. O confronto textual permite concluir que a rubrica «*Sed antequam dicat canonem Per quem hec omnia Domine semper bona creas. Offeratur episcopo ab archidiacono ampulla cum oleo ad infirmos unguendos, et benedicat eum his versibus ut tantum a circumstantibus possit audiri. Incipit exorcismus olei*», por muito semelhante que seja à do PBXII, é copiada do PBXIII (f. 19r, linhas 14-18). «A conclusão é de extrema importância: ela prova a reutilização de textos do PBXIII nos livros bracarenses sucessivos, inclusive nos impressos. Trata-se de algo que até hoje ninguém tinha provado». J. A. FÉLIX DE CARVALHO, *Pontifical de luxo brácario-romano*, vol. 1, 237.

⁶⁴ A constituição, que diz respeito à admissão dos clérigos ao coro da catedral, estabelece regras litúrgicas para as festas a três lições. ADB, *Livro 2º de Testamentis*, n.14, f.13v: «*Statum fuit preterea ut in festo cuius librum sancti tres tantum lectiones habentis, missa eiusdem sancti in tercia celebretur exceptis diebus dominicis et temporibus que evenire contingunt a prima dominica Adventus Domini usque ad octavam Epiphannie et a die cineris usque ad octavam Pentecostes quibus temporibus de festo trium lectionum nullatenus celebret eum cum antiphona eiusdem sancti, versiculo et oracione fiat in vespertis et (in mati] cum rasura cod.) matutinis commemoracio de eodem*».

⁶⁵ Cf. ADB, ms. 657, f.138r. A informação deste fólio completa-se com as indicações da rubrica que precede o formulário de *Dominica in Passione Domini* (f.109v) e com outros elementos que aparecem na festa *sanctorum martyrum Speusippi, Eleusippi et Maleusippi* (f.188v).

⁶⁶ Cf. S. FIGUEIRA, *Arte de rezar as horas canónicas ordenada segundo as regras e costume bracarense*, Salamanca 1521, ff. 27r-27v.

⁶⁷ O doc.1 da *Gaveta da Sé: Missas, Procissões e Acompanhamentos*, conservado no ADB, esclarece: «*Lectio-narius ubi scriptae sunt vitae sanctorum et per quem in choro per annum in festivitatis eorum lectio-nes ipsorum leguntur*».

o ofício «*secundum modum terrae*»⁶⁸. No testamento de Maior Miguéis, redigido a 2 de Dezembro de 1301, aparece pela primeira vez a expressão clássica, referida a missas pelos defuntos, que deveriam ser celebradas «*iuxta consuetudinem ecclesiae bracarensis*»⁶⁹.

Esta ou expressões similares aparecem em documentos posteriores, em especial nos códices litúrgicos, afirmando a índole específica da Igreja de Braga na celebração dos sacramentos e sacramentais, e do ofício divino. Infelizmente, do século XIII não subsistiu qualquer manuscrito completo da *consuetudo* constituída, mas tão-só fragmentos como o da capa deste livro da *Nota Geral*. A importância deste revela-se ainda maior, porque do *Missale Bracarense* não dispomos neste momento de qualquer códice, ainda que tenham existido em considerável quantidade, como atestam, por exemplo, os *Inventários* da Livraria da Catedral⁷⁰.

Conclusão

Longe de ser extenso, o panorama da edição de fragmentos litúrgicos de Braga ficaria incompleto se prescindíssemos da referência aos dois volumes do *Inventário dos códices iluminados até 1500*, elaborados pela Secretaria de Estado da Cultura, com a coordenação científica e técnica de Isabel Vilares Cepeda e Teresa Duarte Ferreira⁷¹. De facto, no vol. 2, encontram-se reproduções fotográficas de fólhos com iluminuras de vários fragmentos litúrgicos acompanhados das respectivas fichas técnicas, que se conservam em três Arquivos do Distrito de Braga⁷². Alguns provêm de livros litúrgicos que estiveram na formação do rito bracarense; outros serão já do rito constituído, e certamente que outros pertencerão a ritos diferentes. Só o estudo dos mesmos permitirá identificar os ritos de pertença.

⁶⁸ As *Visitas* de Cluny de 1292, referindo-se à pequena comunidade de Vimieiro, referem-se ao ofício divino do seguinte modo: «*Apud Vimieiros sunt duo monachi cum priore, et officium divinum competenter fit ibidem secundum modum terrae et munerum nonachorum*». Cf. Paris, BN, n. acq. lat. 2279, f.13; G. CHARVIN, *Statuts, Chapitre généraux et Visites de l'Ordre de Cluny*, II, Paris 1967, 51. Solange Corbin acredita tratar-se duma referência ao uso litúrgico de Braga: Cf. S. CORBIN, *Essai sur la Musique Religieuse Portugaise au Moyen Age*, 143.

⁶⁹ ADB, *Gaveta dos Testamentos*, n.38.

⁷⁰ Cf. J. A. FÉLIX DE CARVALHO, *Pontifical de luxo brácaro-romano*, vol. 1, 188-195.

⁷¹ MINISTÉRIO DA CULTURA – BIBLIOTECA NACIONAL, *Inventário dos códices iluminados até 1500*, 2 vols., Lisboa 1994 e 2001.

⁷² Do Arquivo Distrital de Braga são os nn. 30-40 e 45-46; do Arquivo Municipal de Braga, os nn. 56-69; do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, os nn. 70-75, 78-79, 81, 83, 86-87, 92, 96-102.

Para fazermos esse estudo, revelam-se muito úteis os *Inventários*. Neste sentido, devemos felicitar um projecto que está em curso, a saber, o *levantamento digital de património musical manuscrito anterior a 1600*. Trata-se de um projecto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (POCTI/EAT/46895/2002), 2005-2008, cuja equipa é formada por Manuel Pedro Ferreira (coordenador e responsável) e Diogo Alte Veiga (assistente de investigação). A iniciativa pertence ao Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, mas está a realizar-se ao abrigo de uma parceria institucional, com o Centro de Investigación de Música Religiosa Española, Colegio de los Augustines, Santiago de Compostela. O projecto científico «propõe-se fazer uma inventariação e reprodução digital dos manuscritos com música existentes nos museus, arquivos distritais, municipais e eclesiásticos e outros locais fora da área de Lisboa e do Porto, incluindo mesmo algumas cidades da raia espanhola, ligadas à história de Portugal, tais como Tuy, Ciudad Rodrigo e Olivença»⁷³.

Vocacionado para os manuscritos musicais, este inventário não anularia a edição de um outro: referimo-nos ao *Inventário bibliográfico e ideográfico de Avelino de Jesus*⁷⁴, que abarca pergaminhos medievais com e sem notação musical, litúrgicos, bíblicos e da literatura em geral. E, para que a edição se tornasse mais útil aos investigadores, deveria compreender um sistema de correspondência entre as antigas e as novas cotas. Porque muitos dos pergaminhos, que outrora serviam de encadernações, encontram-se ac-

⁷³ <http://cesem.fcsh.unl.pt/investigacao/linhas-de-investigacao/estudos-musica-antiga/projectos-financiados/levantamento-digital-de-patrimonio-musical-manuscrito-antes-de-1600>. Nesta página da internet podem ler-se os objectivos do projecto: «O objectivo primaz é lançar as bases de uma biblioteca digital de manuscritos musicais antigos, consultável pela comunidade científica. Neste sentido, tem-se desenvolvido uma campanha fotográfica acompanhada pela elaboração de fichas descritivas dos manuscritos, adaptadas, por um lado, às normas documentais vigentes e ao objecto específico e, por outro, aos meios electrónicos actuais. Até ao momento, foram digitalizados integralmente, com respectiva inventariação, 170 códices e cerca de 1080 fragmentos. O inegável valor de um projecto como aquele que aqui se apresenta justifica-se por razões diversas:

a) Antes de mais, pelo conhecimento do património musical, não só por parte das comunidades científicas nacionais e estrangeiras, como pelos próprios Arquivos, muitas vezes depositários de documentos cujo valor e conteúdo desconhecem.

b) Por outro lado, a valorização do património que daqui advém poderá estimular os Arquivos a procurarem novas formas, mais adequadas, de conservação daquele.

c) Por último, os estudos que a partir daqui se desenvolverem poderão lançar novas luzes sobre a história musical e litúrgica, tanto a nível nacional como europeu».

⁷⁴ A. DE JESUS DA COSTA, *Pergaminhos medievais. Inventário bibliográfico e ideográfico*, 9 vols., *Pro manuscripto*, Braga 1944-1952.

tualmente destacados e reunidos em capas⁷⁵, misturados com outros que entretanto foram descobertos.

As fichas descritivas dos fragmentos permitem dar maior profundidade e agilizar os trabalhos de investigação científica. Foi desta forma que, na análise do conteúdo litúrgico do ms. 870 do ADB, recorreremos aos fragmentos litúrgicos com textos paralelos. A descoberta e edição do importante fragmento, que serve de encadernação ao livro 27 da *Nota Geral*, deve-se à utilização deste Inventário. De outra forma seria extremamente difícil considerá-los. Pois, por um lado, existem em grande quantidade e, por outro, seria improvável que alguém os identificasse a todos, a fim de utilizar uma reduzida parte. Foi também desta forma que Romano Rocha identificou um fragmento do ADB⁷⁶, pertencente a um *Breviarium Bracaraense*. E, bem assim, Solange Corbin a eles recorreu, na sua obra de referência sobre a música portuguesa na Idade Média⁷⁷.

Com a inventariação e edição fotográfica de milhares de fragmentos, estamos seguros que assistiremos a grandes avanços no conhecimento histórico da música e da liturgia de Braga e mesmo a nível nacional e europeu.

⁷⁵ Os fragmentos medievais do Arquivo Distrital de Braga foram recentemente digitalizados. Por sua vez, os dos Arquivos municipais de Braga e Vila do Conde, por nós consultados, encontram-se muito bem acondicionados em folhas de papel vegetal, dentro de amplas capas.

⁷⁶ P. ROMANO ROCHA, *L'Office divin au Moyen Age dans L'Eglise de Braga*, 19.

⁷⁷ S. CORBIN, *Essai sur la musique religieuse portugaise au Moyen Age* (1100-1385), Paris 1952.